GE-STELL COMO DESTINO EM MARTIN HEIDEGGER[1]

Ge-Stell as destination in Martin Heidegger

Leidiane Coimbra de Lima Castro[2]

RESUMO

A *com-posição* (*Ge-stell*) é apresentada por Martin Heidegger como a essência da técnica moderna. Esta se apresenta contemporaneamente de um modo completamente distinto da relação instrumental e antropológica que envolve apenas os afazeres ou a lida com objetos técnicos cotidianamente. Como manifestação de ser, a *com-posição* abre para o homem mais uma possibilidade de *ser-no-mundo*. A partir da sintonia que pode estabelecer com essa nova disposição, ele realiza o modo de ser do técnico. Caracterizado por encerrar suas possibilidades de ser num único modo, sobretudo por ser característica da *com-posição* (*Ge-stell*), o pensamento calculador, o modo de ser técnico impossibilita o homem de refletir sobre o que lhe constitui propriamente, que é a abertura para modos de ser.

Palavras-chave: Ge-stell. Destino. Disposição.

ABSTRACT

Ge-stell is described by Martin Heidegger as the essence of modern technology. Contemporarily, it stands quite distinctively from the instrumental and anthropological relationship involved in the daily chores or in the day-to-day labor with technological objects. As a manifestation of being, *Ge-stell* offers man another possibility of being-in-the-world. He realizes his technological way of being from the attunement (*Stimmung*) he can achieve in his new disposition (*Befindlichkeit*). Characterized by limiting its possibilities to a single way of being - particularly as calculative thinking is inherent to *Ge-stell*, the technological way of being prevents man from reasoning on what constitutes his self: the openness for ways of being.

Key-words: Ge-stell. Destiny. Disposition.

Ordinariamente temos a tendência em entender o destino como uma entidade: destino, aquele que determina e guarda a existência. Quando o

[1] DOI: https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.248416

[2] Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: leidicoimbra@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2944-2796. Doutora egressa da Universidade Federal de Goiás. Defendeu recentemente a tese intitulada "O lugar da arte no mundo da técnica: aproximações e distanciamentos entre arte e técnica no pensamento de Martin Heidegger." Possui mestrado em filosofia pela Universidade Federal da Bahia, onde também se graduou. Sua pesquisa gira em torno da questão da técnica e da filosofia da arte a partir de Heidegger.

obedecemos, somos levados a realizar nossa própria jornada, tal como Odisseu, em busca de sua Ítaca. Nessa jornada, o maior percurso é aquele que conduz à autonomia e liberdade. Mas liberdade por quê? Em relação a quê? Liberdade do destino trágico escrito pelos deuses imortais, liberdade das tramas das fiandeiras que tecem os fios de nossas vidas dando pontos e nós como lhes apetecer no ato de bordar. Liberdade da existência mítica enredada por símbolos e minúcias que não permitem uma interpretação direta e um oráculo e um aedo se fazem sempre salutar. Liberdade porque quer-se autônomo. Ser autônomo no que se refere à existência significa ser responsável por si. Mas, o que isso quer dizer? "Temos, hoje em dia, a tendência de entender a responsabilidade ou em sentido moral, como culpa, ou, então, como uma espécie de ação" (HEIDEGGER, 2002, p. 15).

No sentido moral, a que Heidegger se refere, a responsabilidade é sempre negativada pelo peso moral da culpa. Esta, por sua vez, é uma herança ofertada pelo cristianismo desde a expulsão do paraíso, sobretudo para nós, mulheres. Permitindo-nos fazer uma inversão na análise desse mito comparando-o à jornada do herói realizada por Odisseu em busca do seu paraíso natal, poderíamos afirmar que, ao serem expulsos do paraíso, Eva e Adão tornaram-se responsáveis por seu destino. A responsabilidade pode então ser deslocada do ato e, consequentemente, do sentido de culpa, passando a significar autonomia e liberdade, uma vez que são agora livres para responderem por si mesmos. Não há mais um Deus a lhes antecipar e realizar as demandas de suas existências. Tal como Odisseu, que sozinho "errou", no sentido de errância, de caminhar, em busca do encontro consigo mesmo, Adão e Eva são agora responsáveis por si. Mais que sua terra natal, Ítaca representa um encontro consigo, a liberdade em relação ao destino dos deuses, a responsabilidade por si, o responder por si.

Esse sentido de liberdade a que nos referimos, não significa, no entanto, estar desgarrado do mundo e das relações. A nossa existência acontece no mundo e este é algo que nos constitui ontologicamente. A realização de modos de ser acontece na medida em que estamos conectados e atentos à abertura de mundo. Um modo de ser não acontece baseado no "livre arbítrio", porque não é algo que possa ser ofertado por outro, ainda que seja um Deus. Mas, a partir da correspondência entre a abertura do homem, a abertu-

ra do mundo e a abertura de ser, quase como uma experiência religiosa. Estar atento à abertura do mundo e à possibilidade de uma realização de modos de ser que se apresentam é também uma relação sagrada. Quando realizamos um modo de ser diferente do que somos é como transcender. Transcendência é algo como um ultrapassamento, neste caso, de um modo de ser para outro.

> As palavras transcendência, sagrado, não se referem necessariamente a uma religião instituída, uma ortodoxia. Falamos do religioso na sua dimensão originária: religare, re-ligar, a força espiritual que nos dá condições para que possamos, em meio à dúvida e à perplexidade que nos habitam neste nosso tempo temperado pela sombra, construir uma nova ética, uma nova morada, uma nova identidade. Ao fazermos isso, de alguma forma reatamos também com essa experiência de liberdade, que não é a experiência de que somos livres porque dependemos unicamente das leis que nós mesmos elaboramos, ou porque fazemos aquilo que bem entendemos, ou porque somos capazes de tudo controlar e de tudo dominar, mas que somos livres porque conseguimos, pelo exercício de nossa liberdade, viver em harmonia com forças cósmicas, com as forças da Natureza. Uma liberdade onde a palavra obediência pode deixar de ser vivida no sentido repressivo da moral, da culpa e da punição para resgatarmos seu sentido mais essencial. A palavra obediência vem do latim ob-audire; audire: escutar, ob: um prefixo que significa "estar dispostos em direção a". A palavra obediência nos fala portanto desta possibilidade de estar à escuta do mundo, à escuta dos sinais da Natureza, de redescobrir essa potencialidade da linguagem que permanentemente o Universo tem a nos dar (UNGER, 2000, p. 58).

Para realizar um modo de ser diferente devemos estar atentos à abertura de mundo. Esta então é como uma escuta que possibilita resposta ao que se abre historicamente, ou seja, ao destino. Heráclito assim já sinalizava quando em seu fragmento 50 podemos ler: "É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras (logos), reconheçam que todas as coisas são um" (BORNHEIM, 1999, p. 39). O que permite a afirmação "tudo é um" é a escuta atenciosa que nos conduz a dizer o que o logos apresenta. Não pretendemos aqui uma hermenêutica do fragmento heraclitiano, mas marcar o lugar da escuta do mundo que possibilita dizer algo sobre ele. É nesse sentido que afirmamos que a realização de um modo de ser que acon-

tece a partir da mútua abertura entre homem e ser é como uma experiência religiosa.

É importante ressaltar que é preciso que ser se mostre para que possamos corresponder a ele. Não há como realizar um modo de ser diferente sem que o ser tenha se manifestado antecipadamente. A relação com o ser não se decide a partir de uma vontade do homem, não é uma decisão pessoal. Esta relação acontece a partir do próprio ser, enquanto este se descobre como verdadeiro, ou seja, desvelado ou descoberto. O ser se desvela no mundo e é a partir desse acontecimento que pode haver uma relação entre homem e mundo e então uma correspondência entre eles. Segundo Michel Haar em *Heidegger e a essência do homem*, a prioridade do ser em relação ao homem torna essa relação uma "falsa simetria" uma vez que o contrário não acontece, pois o ser não pode depender do homem.

A escuta do ser e do mundo pelo homem acontece a partir do existencial da disposição (*Befindlichkeit*). Ainda que estejamos usando ao longo do texto a tradução de Márcia Schuback em *Ser e Tempo,* tomaremos de empréstimo a tradução como "tonalidade afetiva" por Casanova em *Conceitos Fundamentais de Metafísica*, para propormos uma imagem através da experiência musical que nos permite um melhor entendimento dessa questão.

Ora, ao mesmo tempo em que a tonalidade afetiva refere-se ao ânimo ou astral do ambiente, ela determina também a totalidade de acontecimento. "Tudo se dá como se a tonalidade afetiva sempre estivesse aí, como uma atmosfera, na qual sempre e a cada vez imergimos e desde a qual, então, seríamos transpassados por uma afinação." (HEIDEGGER, 2003, p. 80). Assim como num processo de composição de uma música em que se deve afinar o instrumento no tom que se pretende compor a melodia, a tonalidade afetiva abre para nós o tom ou a afinação a partir da qual afinamos o "como" do nosso ser-aí. Ela é o que dá ao ser-aí consistência e possibilidade. O que nos permite vibrar por simpatia, vibrar por consonância ou em consonância com outra nota.

Importante dizer que, assim como um violão desafinado não está no tom pretendido, mas está em algum tom, nós nunca estamos na ausência da afinação. Um "não-estar-afinado" não significa uma nulidade da afinação.

"O que acontece sempre é apenas uma mudança das tonalidades afetivas" (HEIDEGGER, 2003, p. 82).

Requerer a tonalidade afetiva como característica é requerer um outro tipo de homem que não somente o racional. A tonalidade afetiva é algo que concerne ao ser-aí do homem. A ela corresponde toda a gama de sentimentos que compõem a existência humana. Estes, entretanto, são sempre relegados a uma posição inferior no que diz respeito ao modo de vida humana que é ancorado na tríade pensar-querer-sentir.

> Não é por acaso que o sentir é denominado em uma terceira posição, em uma posição subordinada. Sentimentos são a terceira classe de vivências pois a princípio o homem é naturalmente o ser vivo racional (HEIDEGGER, 2003, p. 77).

Todavia, ainda que não prestemos atenção a esse fundamento de nossa existência, a tonalidade afetiva ou disposição é o modo que define a maneira como nos colocamos no mundo. A partir dela definimos a nossa relação com o mundo e com os entes. Portanto, as tonalidades afetivas não pertencem ao nosso ser-aí humano tal como a cor rosa pertence à luminária sobre a mesa. As tonalidades afetivas constituem fundamentalmente a existência definindo o seu modo de ser-no-mundo. "A tonalidade afetiva não é um ente, que advém na alma como uma vivência, mas o como de nosso ser-aí-comum." (HEIDEGGER, 2003, p. 80).

Assim, quando estamos de mau humor e algo no mundo nos afeta e nos insere num humor contrário. Nunca estamos num "não humor", numa nulidade, num nada existencial. Quando mudamos de humor partimos de um humor contrário. A abertura de mundo nos permite acessar o modo como o ser se desvela e a partir desse movimento podemos corresponder ou não a esta manifestação de ser, realizando um tipo diferente de possibilidade. Isso compõe o Destino. Uma trama, um bordado frouxo em que eventualmente se dá um ponto, se realiza uma possibilidade. Não há nada de místico ou de hermético nessa compreensão de destino. Mas de certo modo, há tudo de misterioso. Escutar o mundo, escutar o modo como o ser se revela a cada vez historicamente é a tarefa mais difícil para o pensamento, porque exige e requer um exercício em contramão ao que somos habituados. O pensamento calculador alcança seu ápice atualmente na época da técnica. Essa que se

mostra a partir de programas, de cálculos e de antecipações. Essa época em que o pensamento não pode se esconder e que tudo se mostra e se expõe, nas redes, nas nuvens, nos bancos de dados.

A técnica é o destino do homem, o modo como ser se desvela atualmente e com o qual é possível se afinar. A partir dessa afinação é possível ser colocado a caminho do desvelamento que conduz o real à *disponibilidade*. O modo em que o real se desencobre como disponibilidade é *Ge-stell*. A palavra *Ge-stell* pode ser diretamente traduzida por "cavalete", "estante", "armação". Na tradução brasileira temos "*com-posição*", segundo Emmanuel Carneiro Leão, e "armação", segundo Marco Aurélio Werle. Ambas para o texto "A Questão da técnica". Como mostra Laurenio Leite Sombra, a tradução de *Ge-stell* por *com-posição,* que adotaremos, pode ser justificada da seguinte maneira:

> A técnica deve ser pensada em sua essência, em seu vigor, e não apenas ônticamente, a partir de suas manifestações mais evidentes. Pensar a essência ou o viger da técnica significa, para Heidegger, remontar à sua origem, ao processo de constituição da Metafísica ocidental; ao seu desdobramento moderno assentado na idéia de certeza, em bases matemáticas e na relação sujeito-objeto; finalmente, a uma época contemporânea na qual os entes são dispostos em sua plena disponibilidade e a própria terra se materializa como recursos para exploração.
> *Com-posição* [*Ge-stell*] é, segundo Heidegger, a essência da técnica. Em sua acepção cotidiana no alemão, *Gestell* nomeia um dispositivo, uma armação ou uma prateleira. Mas, para além dessa acepção, é importante o jogo de palavras empreendido por Heidegger e ressaltado pelo hífen. Se *Stellen* significa *pôr* ou *dispor* algo, o prefixo Ge aponta para uma *reunião,* uma configuração que faz com que tudo esteja disposto previamente (como numa prateleira). A tradução brasileira busca manter essa perspectiva vertendo Ge-stell como *com-posição*, de modo a manter essa reunião (*com*) vinculada ao verbo *pôr*. Essa tradução permite captar diversos momentos em que Heidegger mostra o viger da técnica em operação, no sentido de dis-por [*be-stellen*], dis-ponível [*bestelt*], disponibilidade [*bestand*] (SOMBRA, 2015, p. 107-108).

A *composição* é o que vem ao encontro pelo desvelamento. Não se trata de uma escolha, pois ela é um modo de desvelamento e um modo de ser que se mostra em nossa época.

Segundo Irene Borges-Duarte, o termo *Ge-stell* surge pela primeira vez em 1949 no título da segunda conferência de Bremen *Einblick in das, was ist*. O seu uso, entretanto, só acontecerá em 1954 onde aquela conferência é remodelada e publicada sob o título *A questão da técnica*. A palavra *Ge-stell* responde ao que dura e perdura na técnica. Para esta autora o técnico refere-se aos instrumentos concebidos e utilizados para uma finalidade; ao homem que os emprega e ao conhecimento de como realizar esse objetivo. No que se refere à *Ge-stell*, segundo ela, deve-se considerar um aspecto topológico, o que ela chama de "aletheiologia da história do ser" (BORGES-DUARTE, 2014, p. 151). Portanto a determinação da técnica passa também pelo momento de "pôr lugares" a descoberto, ou seja, a técnica também é fundadora de mundo. A palavra *Ge-stell* refere-se a um lugar. Uma estante, um suporte para expor algo, é uma "estrutura funcional". "*Gestell* é sempre um lugar (*Stell*) onde algo é posto (*Gestellt*)" (BORGES-DUARTE, 2014, p. 175). Sendo assim, a *Ge-stell* é uma determinação da articulação de um conjunto; a determinação de um lugar e de uma figura.

Como determinação da articulação de um conjunto, ela diz respeito ao funcionamento de determinadas coisas ou pessoas no mundo. Trata-sede um todo coeso que compõe o social e o humano. Como determinação de um lugar, a *Ge-stell* se trata de uma configuração de mundo. Em seu modo de desvelar, também revela um mundo a partir de sua configuração. O mundo revelado pela *Ge-stell* é configurado segundo sua dinâmica. A instalação de uma usina num rio determina o rio como um disponível, um recurso. O lugar fundado por ela é previamente determinado pelo modo como ela configura o próprio real, como disponibilidade. Por último, como determinação de uma figura, segundo Irene Borges-Duarte (2014, p. 178), "produz uma configuração, imagem da ordem ou racionalidade humanas, que dá-imagem às coisas dispostas ao serviço dessa racionalidade e das suas razões". O lugar criado pela *Ge-stell* manifesta-se como figura. Ora, a "estante" é o lugar das coisas, dos livros ou objetos decorativos; é o lugar da cultura, da exposição, da recordação e do resguardar. A própria estante, em si mesma, é um objeto de decoração, ou exposição etc... confundindo-se com o que nela é exposto. Segundo Irene, o caráter produtivo do dar-lugar revela o parentesco entre arte e técnica. A nossa tese é que, além desse, existe o parentesco pro-

porcionado pelo existencial da disposição (*Befindlichkeit*), por serem ambas, também, modos de ser que abrem para o homem uma possibilidade de afinação (*Stimmung*).

A *Ge-stell*, ou com-posição, reúne o homem e o real à volta de uma tarefa da qual eles são apenas dois elementos complementares. Ela é o que provoca o homem a constituir como disponível tudo que desvela, tornando-o um funcionário da disponibilidade técnica. É da técnica como *composição* que derivam tanto as características da ciência moderna como as do pensamento calculador e científico.

> Com-posição, '*Gestell*, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a descobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico (HEIDEGGER, 2002, p. 24).

Segundo Marlene Zarader, tal como acontece com o real, ao realizar a passagem do *objeto* (G*egenstand*) para o *disponível (Bestand),* também o homem deixa de ser um sujeito e torna-se um *disponível* (*Bestand*). A técnica moderna planifica o homem e o real num mesmo modo de ser, pois todos passam a fazer parte da mesma *composição*. Na técnica moderna o homem não ocupa nenhuma posição privilegiada com relação à significação do real. Tanto o real quanto o homem estão apresentados sob um "*fundo disponível*" (*Bestand*) que os planifica a um mesmo modo de ser. Dizer que o homem é um disponível (*Bestand*) não é nenhum absurdo, pois se o mundo é definido dessa maneira, ao se afinar com essa manifestação de ser que compõe o mundo, o homem também pode fazer parte dessa significação, pois é um *ser-no-mundo*. Este corresponde à estrutura existencial ontológica do homem que demonstra o seu caráter fático de *ser-lançado-no-mundo*. Este caráter imprime uma relação de copertencimento entre homem e mundo em que ambos se encaixam numa significação de mão dupla, ou seja, o mundo constitui o homem e este o significa e compreende a partir de uma *disposição*. Para ela, a produção é um desvelamento que fundamenta tanto a *techné* como *poiesis* quanto a técnica moderna como provocação, ou seja, *composição*.

> Assim captada segundo a sua essência, que é a única a tornar possível as suas características derivadas – ou, se se quiser, assim pensada segundo a sua verdade, a única a tornar 'exacta' a representação corrente –, a técnica é o que faz sair do retiro: é um modo de desvelamento ou de **desabrigo**. (ZARADER, 1999, p. 147, grifo nosso).

Estar desabrigado é ser um errante. Foi como errante que Odisseu peregrinou pelos desvios que o conduziram tardiamente até sua morada. Autonomeado de "Ninguém" ou "sem nome". "Ciclope, perguntaste o meu glorioso nome; eu vou dizer-to; dá-me porém, o presente, como prometeste. Meu nome é Ninguém. Chama-me Ninguém minha mãe, meu pai e todos os meus companheiros" (HOMERO, 2006, p. 108). Ser Ninguém é perder a sua propriedade. Na *Odisseia*, Odisseu estava disponível no[3] seu destino, ocupado em voltar para casa, tal como homens e mulheres hodiernos estão disponíveis na *com-posição*, ocupados com as atualizações diárias. A "errância" ou a "peregrinação" era o modo como o ser se desvelou para ele, ou seja, a errância era a possibilidade de ser à qual ele correspondeu. É válido ressaltar a falsa oposição entre "desvelamento" e "desabrigo". Não existe necessariamente uma relação de oposição entre as duas palavras fazendo ressonar para o desabrigo a interpretação de "ausência" ou "falta" de ser. O desabrigo é um modo de ser que acontece como desabrigo e não como "iluminismo", "cientificismo". O desabrigo é um modo do ser acontecer. Nesse sentido ele é o destino do ser. O desabrigado não tem lugar porque não habita o mundo no sentido de uma edificação, isto é, não funda lugares. Não há singularização e pertencimento num mundo que se apresenta como instrumento de habitação.

> O destino do desencobrimento sempre rege o homem em todo o seu ser mas nunca é a fatalidade de uma coação [...] A liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho (HEIDEGGER, 2002, p. 27-28).

Ao contrário de um destino trágico, como na mitologia grega, ou fatalista para os cristãos medievais, o destino a que Heidegger se refere contemporaneamente pressupõe a liberdade. "O destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho" como acontecimento funda-se e

[3] "No" e não "para" porque não estamos nos remetendo a algo exterior mas a uma relação intrínseca com o momento ontológico em que estamos.

acontece livremente e, desse modo, inibe uma coação e conduz o desencobrimento à sua propriedade. Esta, contudo, não significa uma total abertura ou desvelamento da verdade, pois "o que liberta é o mistério, um encoberto que sempre se encobre, mesmo quando se desencobre" (HEIDEGGER, 2002, p. 27). Neste caso o desvelamento revela o mistério como mistério e não o coagindo numa revelação forçada. A técnica, portanto, não é uma fatalidade que experienciamos. A significação de destino apresentada aqui abre uma nova interpretação para a técnica. O desvelamento refere-se a um desvelamento de ser, é o modo de ser aparecer. No mesmo sentido que a palavra grega "*phainestai"*, fazer brilhar, assim como algo que aparece, tal como uma epifania em que uma face do deus é mostrada, seja como fogo, águia ou oliveira. Se a *composição*, a essência da técnica, é o destino de um desvelamento, ela é um modo de ser se revelar, ela é um modo de ser.

> O destino do desencobrimento não é, em si mesmo, um perigo qualquer, mas *o* perigo.
> Se, porém, o destino impera segundo o modo da com-posição, ele se torna o maior perigo, o perigo que se anuncia em duas frentes. Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade – então é que chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade (HEIDEGGER, 2002, p. 29).

Heidegger dá um sinal de alerta ao afirmar que "onde domina a com-posição, reina, em grau extremo, o perigo" (HEIDEGGER, 2002, p. 31). E, sendo assim, duas novas situações se apresentam. Primeiro a de que o desvelado já não atinge o homem como objeto, mas como *disponível*. Se a *disponibilidade* é a nova categoria para significar o real, o objeto não é mais isto que se apresenta à frente do homem que é o sujeito da relação. O objeto agora é disponível, *Bestand*. Por sua vez, o homem, inserido nessa nova configuração do real, já não é mais o sujeito, mas ele próprio só se toma por uma *disponibilidade*. Isso porque o que é anterior ao homem e ao objeto, ou seja, o desvelamento acontece como *disponibilidade*.

> A palavra "dis-ponibilidade" se faz agora o nome de uma categoria. Designa nada mais nada menos do que o modo em que vige e vigora tudo que o desencobrimento explorador atingiu. No sentido da dis-ponibilidade, o que é já não está para nós em frente e defronte, como objeto.
> Mas o avião comercial, dis-posto na pista de decolagem, é fora de qualquer dúvida um objeto. Com certeza. É possível representar assim essa máquina voadora. Mas, com isso, encobre-se, justamente, o que ela é e a maneira em que ela é o que é. Pois, na pista de decolagem, o avião se des-encobre como dis-ponibilidade à medida que está dis-posto a assegurar a possibilidade de transporte. Para isto tem de estar dis-ponível, isto é, pronto para decolar, em toda a sua constituição e em cada uma de suas partes constituintes (HEIDEGGER, 2002, p. 20-21).

Quando a disponibilidade se torna nome de uma categoria ela passa a dizer o que o ente é. Tudo que é revelado a partir dela é um disponível. Se a *com-posição* é a essência da técnica moderna e seu fundamento é a disponibilidade, então o que se revela a partir dessa configuração do real, seja o homem, seja o mundo, é planificado numa única dimensão. A "hierarquia" proposta pela dicotomia sujeito-objeto que atribui ao sujeito uma posição superior no sentido de ser ele quem determina o que lhe é extensivo não é válida na nova configuração do real a partir da *com-posição* (*Ge-stell*). Se retomarmos a imagem da "estante" à qual a palavra *com-posição* (*Ge-stell*) remete diretamente, percebemos que o que justifica a existência da estante é a exposição. Ela existe para expor, organizar, dar lugar às coisas. Assim categorizadas e organizadas num lugar previamente estabelecido, as coisas ficam à disposição, à vista para um uso eventual. Tal como os livros dispostos lado a lado nas estantes das bibliotecas. Na "estante" em que a *com-posição* (*Ge-stell*) configura o real o homem também se tornou um disponível. Tem ali seu lugar ainda que ocupe, nas suas funções cotidianas e ordinárias, lugar de destaque naquilo que faz. Como um chefe do departamento de recursos humanos que ao ser demitido percebe que nunca saiu do lugar.

> O desvelamento é o destino que cada vez, de chofre e inexplicável para o pensamento, se parte, ora num des-encobrir-se pro-dutor ora num des-encobrir-se explorador e, assim, se reparte ao homem (HEIDEGGER, 2002, p. 32).

O destino é um envio de possibilidade que se apresenta dentro de uma conjuntura histórica. Para que essa possibilidade se realize é preciso

que haja uma mútua abertura entre homem, mundo e ser. Ao corresponder a esta possibilidade que se abre o destino efetiva-se e realiza seu modo de ser. Mesmo que este acontecimento seja "súbito e inexplicável para o pensamento", seus desdobramentos se anunciam dentro da configuração do real. A explosão da bomba atômica estava anunciada desde a criação de sua fórmula matemática, ainda que como possibilidade. Sendo assim, o destino não é algo que nos toma de sobressalto. Ele vem se anunciando. Antes da bomba atômica explodir, um tipo de ciência ganhou status de verdade legitimada por uma ideia de progresso que tem como fundamento o desejo de dominação. E isso é prévio a qualquer explosão porque enquanto reina a *composição*, o desvelamento não acontece propriamente, mas segundo o modo da *disponibilidade* e, como tal, ele acontece sempre a partir de um asseguramento e direcionamento que lhe são característicos.

> Denominamos de *destino* a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo *destino* que se determina a essência de toda história. A história não é um mero objeto da historiografia nem somente o exercício da atividade humana. A ação humana só se torna histórica quando enviada por um destino (HEIDEGGER, 2002, p. 27).

A *com-posição* é a essência da técnica não por ser destino de um desvelamento e não por ser um gênero ou essência, no sentido platônico. Essência tem sentido de duração (*Währen*) para Heidegger. Entretanto, tudo que é duradouro não pode fundar-se unicamente na "ideia" platônica de *essêntia.* A *com-posição* não é um conceito genérico do qual fazem parte todas as disponibilidades, como do conceito de *árvore* fazem parte pinheiro, ingazeiro, umburana... À pergunta "Mas o que é o que somente continua?" (HEIDEGGER, 2002, p. 33-34), Heidegger recorre a uma palavra usada por Goethe em *As afinidades eletivas* para justificar o modo como a técnica se essencializa. Tal palavra é "*fortgewähren*", que segundo a tradução de Werle significa "consentir continuamente" e para Carneiro Leão "continuar a conceder". Desse modo a *com-posição* é o que continua a conceder significado ao real e ao modo de desvelamento que revela os entes em nossa época.

"Somente dura o que foi concedido. Dura o que se concede e doa com força inaugural, a partir das origens." (HEIDEGGER, 2002, p. 34). Se

a *com-posição* é a vigência (essência) da técnica é ela que dura. Na sua duração, a *com-posição* define o modo como o real se configura atualmente como técnico. O homem é interpelado por ela na medida em que é intimado a calcular, estocar, produzir e fazer uso de seus mecanismos. Ao desvelar-se do ente o homem é convocado à sua correspondência devido ao seu caráter de abertura e de privilégio com relação aos outros entes. Privilégio porque é o homem que se abrindo para o ser realiza um novo modo de existência, isto porque é o único ente que pode dar sentido ao ser. Entretanto, o fato de ser decadente, ou seja, não viver ensimesmado, mas na ocupação com o mundo, faz com que ele se feche para a possibilidade de compreender os entes na perspectiva do ser. Então, se encerra numa interpretação ao mesmo tempo que acredita conhecer a si mesmo a partir da compreensão do outro, caindo na impropriedade da decadência. Habituado a essa recepção dos entes, que historicamente foi privilegiada pela Metafísica Tradicional, o homem também não percebe a si mesmo como um ente privilegiado por seu caráter de abertura e define-se numa única perspectiva que, em última instância, é assegurada pelo modo técnico de pensar.

> O homem não é capaz de interpelar o *Gestell*, nem no sentido de o demorar, nem no sentido de o pôr em questão, já que a questão do ser do ente está resolvida à partida, ou melhor, nem sequer é susceptível de ser colocada (HAAR, 1990, p. 105).

Para Heidegger o fato de a questão do sentido do ser não ser colocada pela história da Metafísica culmina no momento atual da época da técnica como esquecimento do ser. Isso quer dizer que o sentido do ser não é colocado nem como questão para o pensamento. Asseguramo-nos no ente revelado e nos definimos a partir dessa projeção. Nesse sentido, o ser é esquecido e o consequente aprisionamento no ente não pode ser evitado.

A época da técnica, tanto quanto a história da metafísica, corresponde à época do esquecimento e entificação do ser. Isso acontece porque toda vez que o ser se manifesta, ele desvela um modo de ser de um ente, ao mesmo tempo que encobre outras possibilidades de ser, o que faz com que o esquecimento do ser aconteça em sua entificação.

> No esquecer, não somente algo escapa de nós, mas o esquecer decai para um ocultamento, de tal modo que nós mesmos caímos no ocultamento precisamente em relação ao esquecido (HEIDEGGER, 2008, p. 45).

Ao cairmos no ocultamento em relação ao esquecido, esquecemos do modo como nós mesmos somos. Isto significa concomitantemente que a pergunta pelo sentido do ser não é colocada ao passo que buscamos a segurança da resposta para a pergunta "o que é?".

Subjugado pela disponibilidade técnica, o homem é definido a partir de uma única possibilidade de ser, a do "funcionário da técnica", por corresponder às possibilidades que lhe são abertas por ela e que, no fundo, não lhe apresentam um cardápio variado na medida em que essas possibilidades têm como pano de fundo e fundamento o homem como disponível.

Tal delimitação pode, com alguma facilidade, ser lida nas estruturas dos dispositivos tecnológicos existentes que substituem o homem não mais somente como força mecânica, como na Primeira Revolução Industrial, mas, sobretudo, na possibilidade interpretativa de suas funções, que acontece a partir das "categorias dos artefatos que as substituem" (JONAS, 2004, p. 133) e que, portanto, pensam o homem, direta ou indiretamente, pela via das categorias das novas tecnologias, o que constitui, para Hans Jonas, uma Segunda Revolução Industrial agora em níveis planetários.

Um dos exemplos mais alarmantes da aplicação dessas novas categorias é o que acontece nas relações interpessoais, no modo de ser e no comportamento atual do homem a partir do advento das tecnologias de comunicação. A comunicação à longa distância, desde a invenção do telégrafo feita por Samuel Morse, em 1835, à internet sem fio, em 2001 (sobretudo com o advento da produção de dispositivos portáteis de comunicação), gerou a possibilidade de suprimir as barreiras do espaço e revolucionou o próprio entendimento de mundo, diluindo a aparente dicotomia entre mundo virtual e mundo real.

> No mundo moderno a reapresentação da separação entre a abstração e a experiência já não ocorre da mesma forma, por causa das mudanças na estrutura da experiência quotidiana, introduzidas pelas relações técnicas (HODGE, 1995, p. 83).

O conceito de nuvem gerado pela cibernética, por exemplo, representa a total desmaterialização do espaço (no sentido de mundo real), na medida em que não se faz mais necessário um dispositivo físico para armazenamento e preservação de dados como fotos, música, filmes, documentos etc.

Como artesão das novas tecnologias é a *disposição* (*Befindlichkeit*) do homem frente aos processos de produção técnica que definirá o caráter valorativo que possivelmente poderemos atribuir à técnica. É o modo como nos dispomos diante da técnica que nos fará escapar da posição de neutralidade que remete ao seu sentido e que não possibilita nem mesmo a pergunta pela sua essência. A pista nos é dada pelo próprio Heidegger quando faz menção ao tipo de relacionamento que devemos ter na busca desta essência: "um relacionamento livre" (HEIDEGGER, 2002, p. 11). Livre é o relacionamento que não se deixa moldar e determinar a partir daquilo com o que se relaciona. No relacionamento livre, podemos caracterizar como deixar-ser próprio de seu modo a permissão de que o desvelado se mostre para nós a partir dele mesmo e assim acessar as coisas por elas mesmas. Nesse sentido, podemos concluir que diante da técnica moderna a nossa disposição é que guiará o modo a partir do qual ela poderá ou não determinar o nosso modo de ser-no-mundo.

Portanto, nesta época que se instala como tecnológica é urgente se manter afinado numa escuta com o que se desvela. Mesmo que a técnica tenha um alcance planetário, definindo o modo como o real se apresenta, é possível abrir-se para o homem outras disposições dentro dessa dimensão tecnológica. Ou seria o caso de afirmarmos que não existe mais a arte, por exemplo? Acabaram-se os artistas, os poetas? Para estarmos afinados a essa época e escutarmos o apelo do ser que se desvela, talvez seja urgente se desprogramar, talvez seja importante marcar o descompasso e desafinar. E, de repente, saindo do ciclo de antecipação do pensamento calculador, possamos realizar o nosso modo de ser mais próprio, qual seja, a abertura para nosso destino historial ressignificando nossa decadência.

Recebido em 29/01/2021

Aprovado em 01/12/2021

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

DUARTE, Irene Borges. *Arte e técnica em Heidegger*. Lisboa: Documenta, 2014.

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HODGE, Joanna. *Heidegger e a ética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

JONAS, Hans. *O Princípio Vida – Fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

NUNES, Benedito. História e ontologia (da essência da técnica). *In*: CASANOVA, Marco Antônio; FURTADO, Rebeca de Melo (org.). *Fenomenologia hoje IV* – Fenomenologia, ciência e técnica. . Rio de Janeiro: Via Verita, 2013, p. 93-108.

SOMBRA, Laurenio Leite. *Temporalidade, acontecimento-apropriador, quadratura*: o nexo ontológico entre tempo e espaço em Martin Heidegger. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano* – ecologia e espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ZARADER, Marlene. *Heidegger e as palavras de origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.